

FUNDAÇÃO SÃO MIGUEL ARCANJO
FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
LICENCIATURA EM FILOSOFIA

EDMIR JOSÉ DA SILVA

A FENOMENOLOGIA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA AS CIÊNCIAS

Anápolis-Go
2017

EDMIR JOSÉ DA SILVA

A FENOMENOLOGIA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA AS CIÊNCIAS

Monografia apresentada à Coordenação da Faculdade Católica de Anápolis, para obtenção do diploma de Graduação no Curso de Licenciatura em Filosofia, sob a orientação do Pe. Me. João Batista de Almeida Prado Ferraz da costa.

Anápolis-Go
2017

EDMIR JOSÉ DA SILVA

A FENOMENOLOGIA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA AS CIÊNCIAS

Monografia apresentada à Coordenação da Faculdade Católica de Anápolis, para obtenção do diploma de Graduação no Curso de Licenciatura em Filosofia, sob a orientação do Pe. Me. João Batista de Almeida Prado Ferraz da costa.

Anápolis, 21 de agosto de 2017

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Pe. João Batista de Almeida Prado
Orientador

Profa. Ma. Marisa Roveda
Avaliadora

Profa. Esp. Goiany Arruda
Avaliadora

Dedico este trabalho à minha família pelo apoio ao longo do curso.
Ao primo Carlos Roberto Campos e à sobrinha Fabiana Paula Ferreira pelo incentivo e ajuda na busca de documentos curriculares.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Pe. João Batista pelo incentivo e ajuda ao longo do curso.

Ao Pe. Thiago Henrique por todo incentivo e apoio.

“Erit igitur veritas, etiamsi mundus intereat”

(Santo Agostinho)

RESUMO

O presente trabalho de pesquisa intitulado “A Fenomenologia e sua contribuição para as ciências”, foi esboçado a partir de leituras e das aulas de Filosofia Clínica, ministradas pelo Professor Lúcio Packter, durante o curso de pós-graduação na Faculdade Católica de Anápolis. A curiosidade fenomenológica desperta em nós as perguntas de sempre: que é o homem e quais as essências do ser ou do mundo que se nos apresenta? De posse desta curiosidade que se faz método, podemos dar um passo adiante, rumo às ciências e do objeto específico de estudo delas. É lá que voltamos a fazer Filosofia, pois esta não exclui a ciência e nem vice versa.

Palavras-chave: Edmund. Husserl. Fenomenologia. Fenômeno. Ciência. Redução. Fenomenológica.

ABSTRACT

The present research work entitled “The Phenomenology and its contribution to the Sciences” was sketched from lectures and classes of Clinical Philosophy, taught by Teacher Lúcio Packter during the postgraduate course at the Catholic Faculty of Anápolis. Phenomenological curiosity awakens in us the usual questions: what is man and What are essence of being or of the world that present sit self to us? Given this curiosity that is a method, we can take a step forward, towards the sciences and the specific object of study of them. It is there that we return to Philosophy, because philosophy Does not exclude science and vice versa. The contemporary debate on science can not omit the contribution of Philosophy and Even more, from Phenomenology to the perfection and correction of human questions Which have been dealt with throughout the centuries. With a new phenomenological contribution to history issues such as: truth, occultation, Being, metaphysics gain new Meaning and importance. To be able to “unveil” the essences of objects and situations That are presented to us on a day-to-day basis brings us to science.

Keywords: Edmund. Husserl. Phenomenology. Fenomeum. Ciência. Redução Phenomenological.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1. CAPÍTULO 1 – AS ORIGENS DA FENOMENOLOGIA.....	10
1.1. Edmund Husserl.....	10
1.2. Principais ideias.....	11
1.2.1. Intuição eidética.....	11
1.2.2. Ontologias regionais e ontologia formal.....	12
1.2.3. A intencionalidade da consciência.....	13
1.2.4. A epoché ou redução fenomenológica.....	14
1.2.5. Fenômeno.....	15
2. A FILOSOFIA FENOMENOLÓGICA DE HUSSERL.....	16
2.1. Linhas mestras do pensamento de Husserl.....	16
2.2. Husserl e as ciências.....	18
CONCLUSÃO.....	21
REFERÊNCIAS.....	22

INTRODUÇÃO

O tema a ser tratado no presente trabalho será Fenomenologia e sua contribuição para as ciências. Assim, essa monografia visa aprofundar o conceito de Fenomenologia, bem como termos específicos, tais como: fenômeno, ciência, redução fenomenológica. Também neste trabalho a pessoa de Husserl, sua biografia e suas ideias se tornaram necessárias.

Para desenvolver a análise proposta, esta pesquisa se baseou em leituras de Husserl e demais fenomenólogos, tais como: Merleau Pointy, Heidegger, Hans George Gadamer e outros autores que versaram sobre o assunto, seja em livros ou em artigos diversos à disposição nas livrarias e bibliotecas da Faculdade Católica de Anápolis, dos Jesuítas em Belém do Pará e da Universidade Estadual do Pará (UEPA).

A maior dificuldade foi em relação à pouca bibliografia dos escritos de Husserl, traduzidos para o português e espanhol. A grande maioria se encontra ainda na versão original, o alemão.

O segundo capítulo, além de uma breve introdução ao assunto, mostrando as origens da fenomenologia em Bolzano e Brentano, traz a bibliografia de Edmund Husserl, seus escritos principais e suas principais ideias, como: intuição eidética, ontologias regionais e ontologia formal, intencionalidade da consciência, epoché ou redução fenomenológica, fenômeno.

No terceiro capítulo tratou-se da Filosofia Fenomenológica de Edmund Husserl, mostrando suas linhas mestras e a ligação dele com o tema das ciências.

De modo geral, o objetivo deste trabalho é proporcionar luzes sobre a Fenomenologia e sua contribuição para as ciências.

A importância deste tema para o meio acadêmico está na necessidade de maior conhecimento, quebrando preconceitos e até acusações contra a Fenomenologia. Além disso, a maior contribuição da Fenomenologia para as ciências trará mais credibilidade ao nosso agir, ao mundo em que vivemos, mais ética nas nossas relações humanas e mais progresso cultural e científico para o nosso mundo.

CAPÍTULO 1 - AS ORIGENS DA FENOMENOLOGIA

A Fenomenologia nasceu com Husserl, como polêmica antipsicologista. E uma das ideias fundamentais de Husserl e da Fenomenologia é a da intencionalidade da consciência que ele adota como método filosófico verdadeiro. Foi precisamente em relação a esses dois núcleos problemáticos que Husserl se inspirou em dois pensadores de nível notável, isto é, Bernhard Bolzano e Franz Brentano.

Bolzano (1781-1848), matemático e filósofo, padre católico e professor de filosofia da religião na Universidade de Prega até 1819. Suas obras são: Os paradoxos do infinito e a Doutrina da ciência. Aprofundando Frege e Bolzano, Husserl faz uma crítica ao psicologismo, segundo o qual a lógica seria um ramo da psicologia e as afirmações matemáticas se sustentariam em processos psicológicos.

Brentano (1838-1917), também padre católico, depois saído da Igreja. Foi professor na Universidade de Viena, inclusive de Husserl. Escreveu muito sobre Aristóteles (A psicologia de Aristóteles, 1867; O cristianismo de Aristóteles, 1882; Aristóteles e a sua visão de mundo, 1911; A doutrina de Aristóteles sobre a origem do espírito humano, 1911; A psicologia do ponto de vista empírico, 1874). É nesta obra que ele afirma o caráter intencional da consciência.

1.1. Edmund Husserl

Husserl nasceu em Prossnitz (Morávia) em 1859. Estudou matemática em Berlim, onde seguiu os cursos de álgebra de Weirstrass. Laureou-se em 1883 com uma tese sobre o cálculo das variações. São obras suas: A Filosofia da aritmética, 1891; Investigações Lógicas, em dois volumes na edição original, (1901-1902); A Filosofia como Ciência rigorosa, 1911, ensaio estampado na Revista Logos I; Ideias por uma fenomenologia pura e uma Filosofia Fenomenológica, 1913, conhecido como Ideias I, lançamento especial do Jahrbuch¹. Como emérito em Friburgo não pode prosseguir sua atividade didática porque, sendo judeu, foi obstaculizado pelo regime nazista. Morreu em 1938.

A Lógica formal e A Lógica transcendental é de 1929. Em 1931 foram publicadas suas Conferências Parisienses com o título Meditações Cartesianas. Intercalam-se entre esses livros diversas publicações esparsas, com base em cursos e conferências, como a Fenomenologia da

¹ Jahrbuch é um jornal de publicação de artigos filosóficos, de autoria do próprio Husserl.

consciência do tempo imanente, editada por Heidegger, 1924, e o artigo “Fenomenologia”; *Experiência e Juízo*, 1939, Praga. Ao morrer deixou cerca de quarenta e cinco mil páginas estenografadas, salvos durante a guerra pelo padre belga Hermann Van Breda e que hoje formam o “Arquivo Husserl”, em Louvain. *A Crise da Ciência europeia e a Fenomenologia Transcendental* só foi publicada em 1950, mesmo sendo escrita em 1935 – 1936.

1.2. Principais ideias

Nas Pesquisas Lógicas, Husserl afirma que as leis lógicas são rigorosamente universais e necessárias e precisamente por essa razão não podem depender das leis psicológicas, pois sendo generalizações obtidas por indução não são necessárias de modo algum. As leis lógicas pertencem a uma ordem inteiramente diferente: são leis ideais, aprióricas.

1.2.1. Intuição eidética

O nosso conhecimento começa com a experiência, ou seja, com a experiência de coisas existentes, de fatos. A experiência nos oferece continuamente dados de fato. O que acontece aqui e agora é algo contingente, podendo ser ou não ser (o som do violino poderia até não existir). Mas quando um fato (este som, esta cor, etc.) se nos apresenta à consciência, juntamente com o fato, captamos uma essência (o som, a cor, etc.). No fato sempre se capta uma essência. O individual se anuncia para a consciência através do universal. Este som é o caso particular da essência som, este ruído é caso particular da essência ruído, etc.

O conhecimento das essências não é conhecimento mediato, obtido através da abstração ou comparação de vários fatos. O conhecimento das essências é intuição. Seu processamento é um esclarecimento gradual, que progride de etapa em etapa, mediante a intuição intelectual da essência. É intuição diferente daquela que nos permite captar os fatos particulares. É a ela que Husserl chama intuição eidética ou intuição da essência (*wesen*, *eidos*). “A intuição das essências é o critério da verdade absoluta que orienta o campo da pura possibilidade, isto é, a intuição afirma a verdade última do mundo e dos vividos...SA intuição de essências dá o sentido real ou ideal.”(FONTANA,2007,p.182).

As essências eidéticas não são objetos misteriosos ou evanescentes. Só os fatos particulares são reais e os universais não são reais. Estes< os universais, são conceitos, ou seja, objetos ideais que nos permitem classificar, reconhecer e distinguir os fatos particulares.

1.2.2. Ontologias regionais e ontologia formal

A Fenomenologia pretende ser ciência das essências e não dados de fato. Ela é fenomenologia, ou seja, “ciência dos fenômenos”. Porém seu objetivo é o descrever os modos típicos com os quais os fenômenos se apresentam à consciência. E nessas modalidades típicas (pelas quais este som é um som e não uma cor ou um ruído ou pelos quais este desenho é de um triângulo e não de outra coisa) são precisamente as essências.

A Fenomenologia é ciência da experiência, não, porém de dados de fato. São os universais que a consciência intui quando a ela se apresentam os fenômenos. Nisto consiste a intuição eidética, a intuição das essências, isto é, quando na descrição do fenômeno que se apresenta à consciência sabemos prescindir dos aspectos empíricos e das preocupações que nos ligam a eles.

As essências são invariáveis. Nos escritos póstumos de Husserl o método para isso é chamado de método da variação eidética (toma-se determinado exemplo de um conceito que se quer explicar e depois, pouco a pouco, se introduzem variações nas propriedades, as quais são submetidas às variações até se chegar a um ponto em que não se pode mais variar.

Descartes, na sua Segunda Meditação dá um exemplo quando pergunta qual é a essência das coisas corpóreas. Ele dá como exemplo um pedaço de cera, que tem certo cheiro, cor e sabor e possui forma precisa. Quando levamos o pedaço de cera perto do fogo, todas essas propriedades pela qual ela ocupa espaço. A partir disso, Descartes concluía que a extensão é a essência da matéria.

As essências não existem somente no interior do mundo perceptivo: fatos como recordações, esperanças ou desejo têm a sua essência, isto é, se apresentam à consciência de modo típico.

A distinção entre um fato (que é um isto) e uma essência (que é um quid) permite a Husserl justificar a lógica e a matemática. As proposições lógicas e matemáticas são juízos universais e necessários porque são relações entre essências. Sendo relação entre essência, as proposições lógicas e matemáticas não recorrem à experiência como fundamento de sua validade. Exemplo: a proposição que afirma que “os corpos caem com movimento uniformemente acelerado” é afirmação de fato e, portanto necessita de experiências que confirmem sua validade, ao passo que a proposição que afirma “a soma dos ângulos internos de um triângulo euclidiano é de 180 graus” não necessita da experiência para ter sua validade. Com efeito, ela expressa uma relação entre essências.

Ontologias regionais se referem a “regiões”, são a natureza, a sociedade, a moral e a religião. O estudo dessas ontologias regionais se propõe captar e descrever as essências, isto é, as modalidades típicas com que aparecem à consciência os fenômenos morais ou fenômenos religiosos. Max Scheler daria contribuições valiosas à fenomenologia dos valores e Rudolf Otto procuraria captar o que tipifica a experiência religiosa ou do sagrado.

Husserl contrapõe às ontologias regionais a ontologia formal que, depois identifica com a lógica.

1.2.3 A intencionalidade da consciência

“A consciência sempre é consciência de alguma coisa” (HUSSERL, Conferências de Paris, Rio de Janeiro. Edições 70, [s.d] ou para expressar muito mais claramente, podemos dizer que esta é um puro ato de representação, ou seja, a intencionalidade se dá no momento em que o sujeito percebe determinada coisa ou objeto da consciência e lhe aplica uma determinada representação. Quando eu percebo, eu imagino, penso ou recordo; eu percebo, imagino, penso ou recordo alguma coisa. Há distinção entre o sujeito e o objeto. O sujeito é um eu capaz de atos de consciência como perceber, julgar, imaginar e recordar; já o objeto é o que se manifesta nesses atos, ou seja, corpos percebidos, imagens, pensamentos, recordações.

É preciso distinguir aparecer de um objeto do objeto que aparece. Conhecemos o que aparece e vivemos o aparecer do que aparece. Husserl chama de noese o ter consciência e noema aquilo de que se tem consciência. Noese é aquilo que configura a matéria em vivências intencionais, os atos intencionais. Noema é a multiplicação dos dados que se podem mostrar na intuição pura, os objetos do mundo transcendental- mente constituído. (Experiência e juízo, p.87; Lições para uma Fenomenologia da Consciência íntima do tempo). Entre os diversos noemas, Husserl distingue claramen- te os fatos das essências.

A consciência é intencional. A consciência é o que caracteriza a consciência de modo significativo. Os nossos atos psíquicos têm sempre a característica de se referirem a um objeto, pois sempre fazem aparecer objetos. Não vejo a sensação de cores, senão coisas coloridas; nem ouço sensações de som, senão a canção da cantora. Em Husserl, o caráter intencional da consciência em si mesmo, não implica concepção realista.

O que se manifesta e aparece é o fenômeno, em que por “fenômeno” não devemos entender a “aparência”, contraposta à coisa em si (não escuto a aparência de uma música, eu escuto a música; eu não sinto a aparência de um perfume, eu sinto o perfume; não tenho a aparência de uma recordação, eu tenho uma recordação).

Conseqüentemente, Husserl dirá que o princípio de todos os princípios enunciados nas ideias é o seguinte:

Toda intuição que apresenta originariamente alguma coisa é, por direito, fonte de conhecimento (Tudo o que se apresenta a nós originariamente na intuição se nos oferece em carne e osso, deve ser assumido como se apresenta, mas também apenas nos limites em que se se apresenta (HUSSERL, 1992, p. 32).

1.2.4 A epoché ou redução fenomenológica

Através deste princípio, Husserl pensava fundamentar a Fenomenologia como ciência rigorosa, como ciência voltada para as coisas, como ciência que está voltada para ver como são as coisas. *Zun den sachen selbst!* (Vamos às coisas) tornar-se o lema da fenomenologia. Nesse ir às coisas em carne e osso, ou seja, a fim de encontrar pontos sólidos e dados indubitáveis, coisas tão manifestas a ponto de não poderem ser postas em dúvida e sobre as quais poder saber uma concepção filosófica consistente que Husserl propõe a epoché ou redução fenomenológica, como método da filosofia.

Epoché tem analogia com a dúvida cética (da qual tira o nome) e também com a dúvida metódica cartesiana. Fazer epoché não significa propriamente duvidar. Significa muito mais suspender o juízo antes de mais nada sobre tudo o que nos dizem as doutrinas filosóficas com seus inconcludentes debates metafísicos sobre o que dizem as ciências, sobre o que cada um de nós afirma e pressupõe na vida cotidiana, isto é, sobre as crenças que tecem aquilo que Husserl chama de atitude natural.

A atitude natural é feita de persuasões variadas, úteis e necessárias à vida cotidiana, mas elas não possuem evidência constritiva e, conseqüentemente devem ser colocadas entre parênteses.

O fenomenólogo Enzo Paci escreve:

O objetivo da epoché é o desocultamento. O mundo está sempre lá. A sua existência não constitui problema. O problema que a epoché quer resolver é outro: qual é o significado, qual é o fim do mundo, antes de tudo e originariamente para mim e depois para todos os sujeitos? (PACI, 1973, p. 24).

Somente o que resiste aos ataques da epoché, ou seja, o que não pode ser posto entre parênteses é a consciência ou subjetividade. A consciência, portanto, é para Husserl a condição de possibilidade de toda construção do conhecimento e, sobretudo no que se refere ao seu método pretensamente formado para fundar a filosofia como a ciência das ciências, ou seja, a ciência pura, sendo a consciência, enquanto resto de tudo aquilo que foi suspenso como

conhecimento no mundo, o seu fundamento último. (Theoria – Revista Eletrônica de Filosofia, Faculdade Católica de Pouso Alegre. Luís Carlos Ribeiro Alves).

1.2.5 Fenômeno

O mesmo que aparência. Nesse sentido, fenômeno é a aparência sensível que se contrapõe à realidade, podendo ser considerado manifestação desta, ou que se contrapõe ao fato do qual pode ser considerado idêntico. É este o sentido que essa palavra normalmente assume na linguagem comum.

A partir do século XVIII, em virtude da reabilitação da aparência como manifestação da realidade aos sentidos e ao intelecto do homem, fenômeno começa a designar o objeto específico do conhecimento humano que aparece em condições particulares, característica da estrutura cognitiva do homem. Neste sentido, a noção de fenômeno é correlativa com a coisa em si, a ela remetendo por oposição contrária.

As análises que Husserl procede nas *Investigações Lógicas* (1900-1901), combinando vivência e intuição têm por fim apreender o que é essencial nas vivências da percepção, da imaginação, do juízo, etc, intuitivamente visadas. Daí que fenômeno começou a indicar não só o que aparece ou se manifesta ao homem em condições particulares, mas aquilo que aparece ou se manifesta a si mesmo, como é em si, na sua essência. Husserl diz que nesse sentido o fenômeno não é uma manifestação natural ou espontânea da coisa. Exige outras condições que são impostas pela investigação filosófica como fenomenologia.

As vivências, juntamente com o que nelas aparece ou se torna manifesto, chamam-se fenômenos, no sentido que Husserl, voltando à acepção dos vocábulos gregos, *phainesthai*, aparecer, e *phainomenon*, o que aparece, empresta à palavra. Assim diz ele:

A palavra fenômeno tem dois sentidos em virtude da correlação essencial entre o aparecer e o que aparece. *Phainomenon* significa efetivamente o que aparece, e no entanto, utiliza-se de preferência para o próprio aparecer, para o fenômeno subjetivo (se se permite esta expressão grosseiramente psicológica, que induz a mal entendidos (HUSSERL, 1986, p. 78).

Assim sendo, o fenômeno é: 1 – aparência pura e simples (ou fato puro e simples), considerada ou não como manifestação da realidade ou fato real; 2 – objeto do conhecimento humano, qualificado e delimitado pela relação com o homem; 3 – revelação do objeto em si. Essa é a definição compatível com o pensamento husserliano.

CAPÍTULO 2 - A FILOSOFIA FENOMENOLÓGICA DE HUSSERL

2.1. Linhas mestras do pensamento de Husserl

Mas qual é o intento de Husserl com sua filosofia? Ele quer anunciar em três volumes que a Filosofia Fenomenológica é uma teoria transcendental do conhecimento. Isto não quer significar reduzi-la a uma epistemologia, nem mesmo a uma crítica da razão pura. Husserl pensa o conhecimento não na linha do Kantismo, mas na do pensamento cartesiano e indo muito além dele. Veja-o em sua alegria ao falar sobre Descartes, nas conferências apresentadas em Paris:

Poder falar sobre a nova fenomenologia neste tão venerando lugar da ciência francesa Enche-me de alegria por razões especiais. Com efeito, nenhum filósofo do passado teve uma influência tão decisiva sobre o sentido da fenomenologia o maior pensador de França, René Descartes. É a ele que ela deve venerar como seu verdadeiro patriarca. Foi de um modo muito direto, diga-se expressamente que o estudo das meditações cartesianas interveio na nova configuração da Fenomenologia nascente e lhe deu a forma de sentido que agora tem e que quase lhe permite chamar-se um novo cartesianismo, um cartesianismo do século XX (HUSSERL, 1934, P.01).

Husserl acompanha no raciocínio Descartes, dizendo que ele sabia muito bem, ao expressar no *cogito* que tudo o que é mundano, todo o ser espaço-temporal é para mim em virtude de o experimentar, perceber, recordar de algum modo o pensar, julgar, valorar, desejar, etc. O mundo, em geral, é para mim apenas o que existe conscientemente, para mim vigora em tais *cogitationes*.

Mas não faltaram críticas a Descartes, inclusive chamando-o de pai do contraditório Realismo Transcendental. Descartes abriu a porta, mas não seguiu para a autêntica filosofia transcendental, pois não conseguiu captar o sentido genuíno da subjetividade transcendental. Husserl diz que nada disso poderá acontecer se se mantiver fidelidade ao radicalismo da autorreflexão e da pura intuição e se nada fizer valer a não ser aquilo que no campo do ego, aberto pela epoché, nos for dado efetivamente.

Para se chegar ao Ego puro transcendental só é possível pela “redução transcendental” que suspende, que coloca entre parênteses tudo aquilo que não é essencial. É pela redução fenomenológica que o filósofo pode refletir verdadeiramente sobre a questão do conhecimento, e com isso, se interrogar sobre a relação do ego ao mundo.

O que faz Husserl dar ao conhecimento e não, por exemplo, ao ser uma espécie de prioridade é o fato, fenomenológico por excelência, de que tudo o que se manifesta a

“alguém”, lhe aparece de algum modo. Primeiro há uma correlação. O que a fenomenologia de Husserl procura conhecer é o conhecimento ele próprio, graças ao qual temos, em suas diferentes modalidades, acesso ao real.

A correlação entre sujeito e objeto e o que por ele é visado não é exclusiva do ser racional. É própria do ser vivo, pois este tem uma relação com o seu meio ambiente; tem conhecimento deste, dá-lhe sentido e se orienta nele. No caso do animal trata-se de um conhecimento que não requer uma intuição categorial ou que a ela não se eleva como no caso do ser humano. Assim diz ele: “os problemas transcendentais finalmente englobam todos os seres vivos, na medida em que eles são de maneira, por mais indireta que seja, mas de maneira confirmável, atestável, algo como uma vida” (HUSSERL, 1935-1937, p.42).

A experiência requer ser descrita fenomenologicamente. Este é um dos trabalhos da Fenomenologia, quando ela busca elucidar como se dá o conhecimento em suas estruturas essenciais, em seus patamares diferentes ou suas camadas diferentes. Parte-se do conhecimento sensível para ir integrando patamares diversos e esses dependem da cultura que partilhamos e da instrução que adquirimos.

A relação entre evidência objetiva (obtida pela experiência) e o ato de predicar, de formar um juízo explícito é considerada por Husserl como uma relação fundacional. Qualquer que seja o juízo, ele remete, em última instância, à experiência. Essa anterioridade lógica da experiência chegou a apontar a filosofia fenomenológica de “empirismo transcendental”, mesmo que Husserl tenha tecido críticas ao empirismo filosófico. Assim ele expressa:

A volta à evidência objetiva, antepredicativa, só recebe todo seu peso e sua plena significação com a seguinte proposição: “essa relação de fundação não concerne apenas aos juízos (às proposições) que tenham por fundamento a experiência, mas a todo e qualquer Juízo predicativo evidente, e portanto concerne também aos juízos do próprio lógico (HUSSERL, 1939, p. 34).

Em *Experiência e Juízo*, mais uma vez, Husserl reconhece a anterioridade da experiência sensível, e mais amplamente, de toda e qualquer experiência, incluindo as outras experiências, como a imaginativa. Aqui a precedência não é só cronológica, mas lógica. Também Husserl introduz uma distinção entre o corpo vivo, aquele que eu sinto, pois me é próprio, é próprio ao meu eu, e o corpo considerado o exterior, enquanto corpo objetivado, na qualidade de um ente simplesmente físico.

De início, Husserl passa a considerar a experiência mais simples, a dos substratos sensíveis, tais como são apreendidos na percepção. Nela a posição e estrutura do corpo estão implicados. No passo seguinte, para analisar a percepção enquanto tal, é necessário que do

objeto percebido seja deixado de lado tudo o que nele é atributo cultural, axiológico para que se considere unicamente o que pode ser considerado de sua camada natural sensível.

2.2. Husserl e as ciências

Não se pode deixar de perceber em todo o seu progressivo pensamento que Husserl queria fazer da Filosofia uma filosofia transcendental. Depois de constatar, em a Filosofia como ciência rigorosa, a falência dos sistemas, e de criticar o historicismo de Dilthey doutrina das concepções do mundo, Husserl ressalta o fato de que jamais a Filosofia, que aspira ao verdadeiro conhecimento, conseguiu, no curso de sua história, edificar-se como ciência. A Filosofia, sob pena de sacrificar o seu próprio espírito, necessita adquirir caráter científico. Ela deve ser a ciência de fundamentos firmes e indiscutíveis. Não que se pretenda transformá-la em metafísica geral. O que se quer é fazer da Filosofia uma ciência rigorosa, que tenha o seu objeto e o seu ponto de vista, específico e intransferível, sobre todos os objetos.

A atitude redutora, formulada em 1907, inspirou esse ideal de ciência rigorosa (*strenghe wissenschaft*), o qual, buscado desde as Investigações Lógicas, é aquele que Husserl, através do método fenomenológico, pretende impor à filosofia. Já não se trata mais da preocupação com a lógica pura ou com a teoria da ciência como tal. A fenomenologia, que precede a psicologia, e que procurando determinar a origem das significações, situa-se numa esfera anterior à lógica formal, é mais do que uma teoria da ciência, precisamente porque, na medida em que debate o problema da significação, ela investiga e critica o conteúdo mesmo da razão. Marcada como filosofia científica, a Fenomenologia fica na sua finalidade, no seu ponto de vista específico, que é o estudo dos fenômenos e de suas essências. Ela agora abrange toda a nossa riquíssima experiência formada pelas *cogitationes*.

Uma fenomenologia sistemática e transcendental estabelecida, que não emprega a posição existencial é formada por todos os enunciados que se baseiam na intuição das essências. Será o esboço de uma filosofia primeira!

À medida que o pensamento de Husserl vai se aprofundando, ele se torna cada vez mais atento à vida como atesta a terminologia por ele utilizada. É na *Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental*, última obra sobre a qual trabalhou até a morte, que se verifica sua preocupação com a humanidade atolada em seus problemas, ditos sem solução. A crise das ciências em geral não é a crise de sua cientificidade e sim a crise na qual

elas, de modo geral, têm significado e podem significar para a existência humana. Husserl assim escreve:

A exclusividade com que, na segunda metade do século XIX, a visão de conjunto do mundo do homem moderno se deixou determinar pelas ciências positivas e com que se deixou vislumbrar pela “*prosperity*” que daí derivava, significou o afastamento dos problemas decisivos para uma autêntica humanidade. As meras ciências de fatos criam meros homens de fato. (Husserl, 1984, § 2, p. 11).

A crítica à verdade científica como única verdade válida e a ideia a ela ligada de que o mundo descrito pelas ciências seria a verdadeira realidade, levará Husserl dizer: “Na miséria de nossa vida essa ciência não tem nada a nos dizer. Em princípio ela exclui aqueles problemas atormentados; sente-se à mercê do destino: os problemas do sentido e do não sentido da existência humana em seu conjunto.” (Husserl, 1984, § 2, p 11-12).

Para Husserl o fato é que o conceito positivista de ciência encostou em todas aquelas questões que constituem os problemas últimos e supremos. A crise das ciências é a queda da intencionalidade científica. “A função da Filosofia é a de libertar a história da fetichização da ciência e da técnica, já dizia Enzo Paci” (PACI, Milão, 1973).

Lothar Keltkel e René Shérer afirmam que “o que a Fenomenologia Transcendental quer é somente fazer a humanidade tomar consciência do fato de que ela é sujeito e que sempre o foi, através de projetos falidos e das confusões (Keltkel, 1964, p.34). Assim Husserl poderá dizer que:

Com a nossa atividade filosófica somos os funcionários da humanidade para que venham condições de se autocompreender no seu contínuo desenvolvimento, não ao modo de crescimento orgânico, cegamente passivo e sim em autônoma liberdade para não sucumbir ao “dilúvio cético” (Husserl, 1935-1937, p. 80).

A elucidação da origem da oposição moderna entre o objetivismo fisicista e o subjetivismo transcendental era o que passava a Europa à beira do abismo. Husserl via a necessidade imperativa de analisar as razões, melhor dizendo, as distorções filosóficas profundas que eram subjacentes à crise de civilização, e que a ela haviam de certo modo conduzido.

A primeira lição a ser tirada do projeto mesmo de Husserl é a de que a filosofia não é neutra. As ideias têm um impacto muito maior do que se imagina sobre a realidade do mundo em que vivemos, e seus desvios se repercutem sobre os mais diversos aspectos de nossas vidas...Ele interessa desvendar e pôr em questão a teleologia interna à filosofia e à ciência moderna, mostrando o que nelas foi por um lado descoberto, mas por outro encoberto. De

Galileu, Husserl usa a expressão de “gênio que descobre e em-cobre” (que revela e que esconde). Galileu encobre a singularidade da Terra, que daí em diante não passará de um planeta qualquer, que se pode até menosprezar, impedindo por isso que se pense a experiência que dela fizemos e, portanto, o que ela significa e o que ela é realmente para nós.

A ciência pretende, sem dúvida, poder justificar os seus passos teóricos, e funda-se toda a parte na crítica. Mas a sua crítica não é a derradeira crítica do conhecimento, isto é, estudo e crítica das realizações originárias, desvelamento de todos os seus horizontes intencionais, graças ao qual unicamente se pode, por último apreender o alcance das evidências e, de modo correlativo, avaliar o sentido das produções teóricas, dos valores e fins. Temos, pois, justamente no estágio superior das modernas ciências positivas, problemas de fundamentos, paradoxos, ininteligibilidade. Os conceitos originais que, ao longo de toda a ciência determinam o sentido da sua esfera objetual e da sua teoria, brotaram de modo ingênuo: têm horizontes intencionais, incógnitas, exercidas apenas em grosseira ingenuidade. Isto vale não só para as ciências positivas especiais, mas também para toda a lógica tradicional com todas as suas normas formais. Toda a tentativa a partir das ciências formadas historicamente, se chegar uma melhor fundamentação, a uma autocompreensão, segundo o sentido e a realização, é um fragmento de autorreflexão do cientista. Mas há apenas uma autorreflexão radical, isto é, a fenomenológica (HUSSERL, 1935-1937, p. 82).

CONCLUSÃO

O pensamento de Husserl, em suas milhares de páginas escritas, recolhidas pelos seus amigos mais próximos, fazem dele o grande idealizador da Fenomenologia. A princípio ele não pensava numa nova filosofia, mas se tornou um método que pode nos ajudar a livrar a filosofia de constantes perigos de interpretação e, sobretudo nos ajuda a discutir com criteriosidade o que nos falam as ciências. A última palavra não pode ser dada pelas ciências se elas não fizerem uma autorreflexão sobre seus métodos e resultados. O filósofo tem muito a dizer!

Temos aí algumas indicações que só podem corrigir e realmente renovar a imagem que muitos forjaram do filósofo. Em todos os lugares onde se procura compreender a nossa civilização a Filosofia fenomenológica tem algo a dizer e muito a contribuir.

Não há que poupar esforços para que sejam ultrapassados os reducionismos que ela entretém em seu âmago e, particularmente as cegueiras relativas a nossa própria condição humana. E não é por ela ter procurado limitar a razão à busca de sucessos científicos e tecnológicos, criando assim um abismo entre sua dimensão teórico pragmática e sua dimensão ética, que a crise de nossa civilização se agrava?

Que outra filosofia como a de Husserl abre assim espaço para que, sem cair em visões pessimistas ou românticas, possamos refletir em profundidade sobre o que vivemos e os rumos que devemos dar ao nosso mundo? Vamos às coisas!

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, n. **Dicionário de Filosofia**. 5. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ALMEIDA, C.L.S. de. É possível superar a metafísica? Dois projetos: Rudolf Carnap e Martin Heidegger. **Revista Síntese**. Nova Fase, v. 25, n.83(outubro-dezembro), Loyola, 1988.
- ALVES, Luis Carlos Ribeiro. A consciência na Fenomenologia Husserliana. **Revista Eletrônica de Filosofia – Theoria**. Faculdade Católica de Pouso Alegre. p. 112-124. Vol. 5, n.13, Ano 2013. Disponível em: http://www.theoria.com.br/edicao13/a_consciencia_na_fenomenologia_husserliana.pdf. Acesso em: 10 nov. 2017.
- AUGRAS, M. **Ser da Compreensão, Fenomenologia da Situação de Psicodiagnóstico**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BELLO, A.A. **Fenomenologia e Ciências Humanas: psicologia, história e religião**, Organização e tradução de M. Mahfoud e M. Massini. Bauru: EDUSP, 2004.
- BOCHENSKI, I.M. **A Filosofia Contemporânea Ocidental**. São Paulo: Editora Herder, 1962.
- CAMINHA, I. de O. **Merleau Pointy em João Pessoa**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.
- CÉSAR, C. M. **Crise e Liberdade em Merleau Pointy e Ricoeur**. Aparecida: Ideias e Letras, 2011.
- DELEUZE, G. **Para ler Kant**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- DEPRAZ, N. **Compreender Husserl**. Petrópolis: Vozes, [s.d.].
- HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1998.
- HUSSERL, E. **Ideias relativas a uma fenomenologia pura y uma filosofia fenomenológica**. 2. Ed. Traduction de I. Gaos. México: fondo de Cultura Econômica, 1992.
- _____. **1859-1938. Investigações Lógicas: Sexta Investigação: elementos de uma elucidação fenomenológica do Conhecimento/Edmundo Husserl; Seleção e tradução de Zeljko Loparic**. 2. Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985.
- _____. **A crise da Humanidade Europeia e a filosofia**. Tradução de Pedro M. S. Alves. Covilhã: Universidade da Beira Inteiro, 2008.
- _____. **Conferências de Paris**. Rio de Janeiro: Edições 70, [s.d.]

FONTANA, Vanessa Furtado. Intuição de Essências na Fenomenologia de Husserl. **Revista Faz**. V.9. Janeiro/julho, 2007, p.167-184.

KELTKEL, A. L.; SHÉRER, R. **Husserl**. Paris: Presses Universitaires de France. Vendôme, 1964.

LISBOA, M. J. A. Razão |Hermenêutica: Fenomenologia, Hermenêutica, Psicanálise. Revista de Ética, [s.l.], [s.d.].

NUNES, B. **A Filosofia Contemporânea**. Trajetos iniciais. São Paulo: editora Ática, 1991.

POINTY, M.M. Sobre a Fenomenologia da linguagem. Tradução de Marilena Chauí. **Os Pensadores**, v. 41. 1ª ed. São Paulo: Abril S.A., 1976.

_____. **Elogio da Filosofia**. Lisboa: Guimarães editores, 1979.

_____. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução de Reginaldo de Piero. Rio de Janeiro, 1971.

_____. **Signos**. Tradução de Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo, 1991.

PACI, E. **Diário Fenomenológico**. Milão: Bompiani, 1973.

PACKTER, L. **Filosofia Clínica**: Propedêutica. Porto Alegre: AGE, 1997

SOUZA, T.; OLIVEIRA, N.F. **Fenomenologia hoje II**: Significado e linguagem.. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

VILELA – PETIT, M> da P. **A Fenomenologia de Husserl**: uma filosofia a descobrir ou a re-descobrir em Pensadores do século XX/ Delmar Cardoso(org.). São Paulo: Edições Loyola, 2012.